Como isso funciona mesmo? Formação analítica, seus modelos e minha busca de integração

Ellen Bornholdt Epifanio
Orientador: José Carlos Calich

Introdução

Pedro veio a tratamento há cerca de cinco anos, e cada sessão sua parecia delimitada a uma tarefa determinada. Ele tinha objetivos claros: "*Tu sabes das coisas que eu preciso mudar*", então discorria sobre algum ponto desses exequíveis de transformação. Percebia-me com ele como uma espécie de radar, em busca da emoção contida, como se procurasse um subtexto em meio à aridez racional e defensiva de meu paciente. Lá pelas tantas, transcorrido quase um ano de tratamento, eu assinalei que ele vinha inicialmente às sessões com uma espécie de "*agenda e itens a serem cumpridos*", um verdadeiro *checklist*. Mas com o tempo foi possível contatar com o seu tom emocional. No começo eu percebia e lhe transmitia que ele tentava, literalmente, escamotear as emoções que brotavam. Pedro concordou com olhos lacrimosos e disse: "*Mas como isso funciona mesmo? Das coisas que me propus a melhorar, quase nada mudou. E eu mesmo assim me sinto melhor*".

Ilustrei este trabalho com a pergunta: *Como isso funciona mesmo?* Encontro-me no último ano de seminários teóricos da formação psicanalítica, e a pergunta de Pedro, naturalmente, tem eco em mim. A partir dessa indagação, ocorreu-me fazer um resumo de diferentes escolas psicanalíticas, mesmo correndo o risco inerente à síntese (ou o não aprofundamento). Busquei, quem sabe, me tranquilizar, porque no meu íntimo faço a mesma pergunta de meu paciente.

Este ano estudamos a escola francesa, o que produziu em mim um desconforto (do que não entendi) mesclado com satisfação (ah, faz sentido!). Essa inquietação me lembrou de cada vez que eu entrava em contato com uma nova

teoria, até acomodá-la no meu arcabouço teórico. Partindo dessa necessidade de integrar a escola francesa aos demais conceitos internalizados, organizei este trabalho. Fiz um breve resumo das ideias que sedimentaram em mim, centrado nas seguintes escolas: de Freud, de Klein, de Winnicott, de Bion e, por fim, de Lacan. Dentre tantos pensadores, optei por falar desses cinco, por considerá-los como base para tantos outros desenvolvimentos posteriores.

Durante a minha formação acadêmica e analítica, e os anos de prática clínica, visitei uma série de teorias. Tantas informações ficam às vezes *desordenadas* dentro de mim. Este trabalho é mais uma tentativa de me situar e me direcionar, quase como se fosse um mapa. Cada autor citado mereceria um trabalho à parte, mas o objetivo não foi mergulhar em cada teoria. Também procurei ter cuidado para não comparar as teorias, reiteradas vezes somos advertidos nesse sentido: cada uma tem sua idiossincrasia, sua lógica interna. Então, pretendi não tecer paralelos, sem comparar os pensadores.

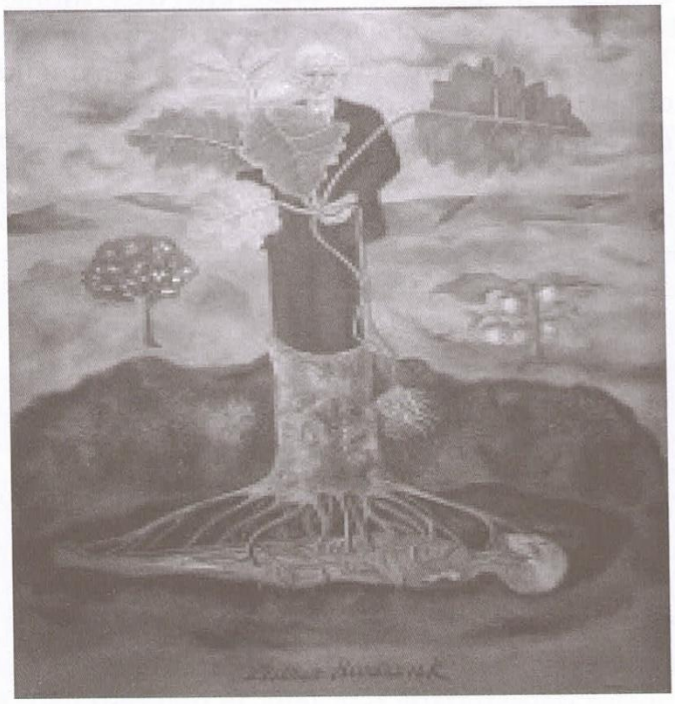
Antes de mais nada, me fiz a pergunta: como esquematizar o processo que forma uma teoria? Calich (2005) sistematiza que o conhecimento inicia pela *intuição* de um fenômeno, passa então para um *conceito,* segue para o levantamento de *hipóteses*. O conjunto de modelos articulados constitui uma *teoria* com seus princípios organizadores dessa forma: *intuição – conceito – hipóteses*, até chegar à *teoria*.

Ilustrei as teorias mencionadas com as obras de Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana contemporânea a Freud. Surpreendeu-me sua ousadia, ainda mais naquela época, em pintar o que lhe transtornava emocionalmente. Ou como ela captava a realidade. Inclusive me deu a impressão de que suas pinturas traduziram de uma forma bastante direta, por vezes até chocante, o que poderia ser a representação de um conflito para ela. Poucos quadros dela eu considero esteticamente *bonitos*, mas jamais passo o olho por algum deles sem *sentir algo*. Mobilizam-me. Expus os modelos teóricos com suas ilustrações pictográficas porque seus quadros formaram para mim uma espécie de tradução em imagens (tal qual um sonho) dos autores citados. Como se a artista Frida Kahlo formasse sua apreensão da realidade pela arte, através da pintura, e eu *peguei emprestadas* essas imagens para formar a minha síntese de cada um dos cinco modelos citados. Mélega (2011) conclui que os poetas e os artistas abordam a realidade psíquica por meio da linguagem metafórica para driblar as restrições da linguagem racional.

Por fim, eu, como membro aspirante da SPPA, ou em outra instituição como professora, em minha análise pessoal como paciente, ou no meu consultório como analista em formação, faço a mesma pergunta de Pedro: *Como isso funciona mesmo?*

Modelo freudiano

> Todo aquele que tome o trabalho a sério deve escolher este curso, que oferece mais de uma vantagem, o sacrifício que implica revelar-se a outra pessoa, sem ser levado a isso pela doença, é amplamente recompensado. (Freud, 1911, p. 130).



Retrato de Luther Burbank, 1931

Origem da pintura: Luther Burbank era um horticultor mexicano conhecido pelos frutos e vegetais invulgares. Kahlo mostra o próprio Luther como um híbrido: metade vegetal, metade humano. Foi a primeira vez em que a pintora se desprendeu da representação direta da realidade exterior (Kettenman, 2006). Associei a Freud e seu modelo estrutural: id (embaixo da terra como o cadáver); ego (o corpo do homem na terra); superego (a parte do tronco e da cabeça, com o céu ao fundo).

Algumas ideias sobre Freud: quase uma redundância falar em escola freudiana, afinal, todos partiram de Freud. Ele concebeu o inconsciente dinâmico partindo da intuição frente a um fenômeno observado na clínica (Calich, 2005;

Zimmerman, 1999). Freud começou tentando compreender o funcionamento mental desde uma perspectiva biológica, a exemplo de *Projeto para uma psicologia científica*. O que ele propôs, naquela ocasião, foi construído com base na noção de quantidades e energias entre as cadeias de neurônios. Discorreu sobre os sistemas de neurônios (permeáveis/impermeáveis/perceptuais) (Freud, 1895). Olhou para o cérebro e a mente como fenômenos idênticos (Quinodoz, 2007).

Podemos subdividir a obra de Freud em três momentos: anterior a 1900, entre 1900 e 1923 e após 1923. Em um primeiro momento, Freud parte da perspectiva do trauma, com uma compreensão basicamente energética. Ou seja, havia um trauma (real), e, em decorrência, forças inconscientes inibidas. O sintoma surgia pela quantidade de energia inassimilável pela consciência, e as memórias associadas a essas emoções eram inaceitáveis. Portanto, a doença mental era explicada inicialmente por inibições ligadas ao que não podia ser lembrado, em especial na vida sexual (Calich, 2005).

Em 1897, começa a surgir o modelo topográfico (aparelho mental dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente). A mudança de modelo foi a partir da autoanálise e de *A interpretação dos sonhos* em 1900. Para abandonar a teoria anterior (baseada no trauma), Freud se deu conta de que os casos de histeria teriam de surgir todos de um abuso real. Se assim fosse, haveria mais perversos do que histéricas em Viena. Gradualmente, Freud abandonou a ideia de trauma real, e surgiu a ideia de conflito entre as instâncias. Houve destaque nas fantasias advindas de experiências de satisfação da pulsão: a busca por satisfação. O conflito básico era entre consciente e inconsciente, entre pulsão e defesa (Quinodoz, 2007; Crestana, 2013). Freud (1911) afirmou que toda neurose tem como propósito arrancar o paciente da vida real, alienando-o da realidade. Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável. O extremo desse afastamento seria a psicose.

A partir de 1923 há a formulação do modelo estrutural, já que o modelo topográfico não estava mais dando conta de fenômenos por ele observados na clínica: surge então id, ego e superego. Mesmo mantendo a ideia de conflito, agora se daria mais entre as novas instâncias, com uma índole moral (Ego x Superego; Amor x Ódio). A partir de então, há a introdução dos conceitos de narcisismo, agressão, masoquismo e depressão melancólica (Calich, 2005).

Algumas ideias sobre a análise – Modelo freudiano: no primeiro momento, estaria ligada à recuperação de memórias proibidas. No segundo, teria por objetivo tornar consciente o inconsciente. No terceiro, a premissa básica seria: *onde haja id que venha ego* (Zimmerman, 1999; Quinodoz, 2007). Freud (1912) resumiu que no tratamento psicanalítico o paciente encara o despertar de seus produtos

inconscientes como contemporâneos, e o analista tenta compeli-lo a justar esses impulsos ao nexo do tratamento.

Modelo kleiniano

> Las relaciones de objeto existen desde el comiezo de la vida, siendo el primer objeto el pecho de la madre, el que es escindido en um pecho bueno (gratificador) y um pecho malo (frustrador), conduciendo esta escision a una separación entre amor y ódio. (Klein, 1946, p. 11).

As Duas Fridas, 1939.

Origem da pintura: pouco depois de divorciar-se de Diego Rivera, Frida Kahlo terminou seu autorretrato composto por duas personalidades diferentes. A parte de si respeitada e amada por Diego (a Frida mexicana com roupa tehuana) e a outra sangrando (Frida com vestido branco/europeu). A parte rejeitada corre o risco de esvair-se em sangue, como se nota com a tesoura cortante (Kettenman, 2006). A minha associação dessa pintura com Klein se deu pelos seus dois autorretratos, representando para mim a cisão: seio bom/seio mau; amor/ódio.

Algumas ideias sobre Klein: Klein modificou a forma freudiana de pensar, em um sentido básico: não vivemos mais em um mundo, vivemos em dois, o da realidade externa e o da realidade interna (com seus objetos internos e interações) (Calich, 2005). Operam, desde o período inicial da vida, processos de clivagem intensos: amor e ódio, aspectos bons e maus do peito, que são mantidos separados. Há possibilidade de transformar o objeto bom em um objeto idealizado, como uma proteção contra o objeto sentido como perseguidor. O lactente vivencia tanto mais o objeto sendo mau, quanto maior e mais intensa for sua própria inveja (e da mesma intensidade a sua projeção). Esses ataques em fantasias são uma expressão oral-sádica e anal-sádica de impulsos destrutivos, com base constitucional. As relações de objeto são modeladas pela interação entre a projeção e a introjeção; entre os objetos e as situações internas e externas. Esses processos intervêm na construção do ego e do superego e preparam terreno para o complexo de Édipo, ainda no primeiro ano de vida (Klein, 1946; 1952; 1957).

Em síntese, na teoria kleiniana, com o surgimento de fantasia inconsciente, o mundo interno colore a percepção do indivíduo a respeito do mundo externo. O conceito de identificação projetiva ganha forma, e a posição depressiva e esquizoparanoide são um marco em sua teoria. Klein sublinha em sua obra a relação do bebê com o seio (suas divisões, idealizações e projeções) (Calich, 2005).

Algumas ideias sobre a análise – Modelo kleiniano: o objetivo do tratamento poderia ser buscar integrar e sintetizar amor e ódio (aspectos bons e maus do objeto), aproximando-se da posição depressiva. Assim, a ansiedade persecutória tenderia a diminuir e, dessa forma, aflorar os sentimentos de culpa e o desejo de reparação. Para tanto, a análise da transferência negativa deveria ser prontamente interpretada para alcançar os níveis mais profundos do psiquismo (Klein, 1952; 1955).

Modelo winnicottiano

> A mãe suficientemente boa, como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela. (Winnicott, 1953, p. 25).

Eu, Diego e o Señor Xólotl, 1949.

Origem da pintura: Kahlo adotava um papel maternal para com o marido e afirmava que as mulheres desejam ter os seus maridos em braços como um bebê recém-nascido. Ela mesma não pôde ter filhos, tendo de submeter-se a uma série de abortos. O quadro seria a representação de seu desejo de maternagem? (Fuentes, 2011). Nele estão contidos elementos da antiga mitologia mexicana: dia e noite; Sol e Lua (Kettenmann, 2006). Lembrei-me da importância do ambiente que Winnicott enfatiza em sua obra: a mãe suficientemente boa e o *holding*, que eu associei à imagem das mãos grandes abraçando o todo da obra.

Algumas ideias sobre Winnicott: a construção fundamental de Winnicott pode ser resumida em três áreas principais: relação mãe-bebê, criatividade primária e fenômenos transicionais (Abram, 2000). Em relação à primeira, o autor atentou para as condições suficientemente boas do ambiente (em geral da mãe), desde a dependência absoluta do bebê até rumo à independência (Ungier, 2010). Winnicott partiu da premissa de que é imperioso uma mãe que se adapte (seja devota) às necessidades (reais) do seu bebê. A partir daí o bebê pode ir tendo a ilusão de que ele onipotentemente criou a mãe, ou sua necessidade *aconteceu*. É imprescindível que a mãe sobreviva ao amor cruel do bebê. Caso isso não aconteça, só lhe resta ocultar o verdadeiro *self*. Essa adaptação ativa da mãe às necessidades do bebê deveria diminuir gradativamente, segundo a crescente capacidade do bebê de lidar com o fracasso ambiental e tolerar a frustração (Winnicott, 1953).

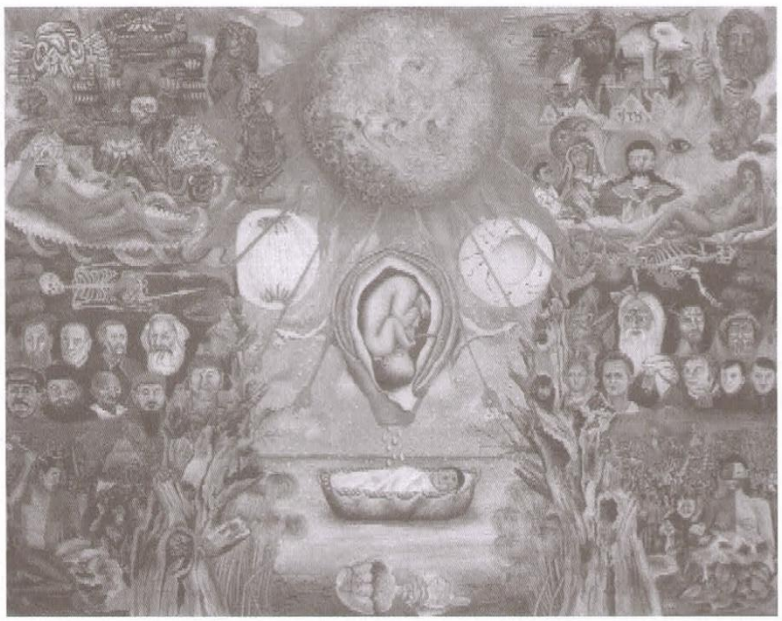
Em relação à criatividade primária, Winnicott (1959-64) tem a tese de que, mais do que qualquer outra coisa, o indivíduo deveria sentir que a vida é digna de ser vivida, um viver criativo. Isso contrasta com uma submissão à realidade externa, onde o mundo seria reconhecido como lugar simplesmente para se adaptar, podendo gerar uma sensação de inutilidade, e até a ideia de que não vale a pena viver a vida. Como exemplo, ele citou as pessoas que vivem de uma forma pouco criativa (entendo como sendo de forma *burocrática*), por serem tão ancoradas na realidade objetivamente percebida. São doentes em um sentido oposto do esquizofrênico.

Winnicott (1953) denominou de *fenômenos transicionais* a área intermediária da experiência entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido: o objeto transicional (um ursinho de pelúcia, por exemplo) e o que seria uma verdadeira relação de objeto. Com o tempo, o destino do objeto transicional é ir para o limbo, sendo descatexizado. Relaciona esse fenômeno a uma área intermediária de experimentação, que não é interna, tampouco externa, trata-se de um "lugar de repouso". O autor está se referindo à ilusão, àquilo que é permitido ao bebê e que na vida adulta teria um correspondente aproximado na arte, na literatura ou até mesmo no pensar e no fantasiar.

Algumas ideias sobre a análise – Modelo winnicottiano: Winnicott afirmou que a análise seria um processo em que cada paciente teria o seu ritmo e seu curso próprio, e que uma relação mãe-bebê suficientemente boa poderia ser transposta para a técnica psicanalítica. Ele diferencia análises de pacientes que funcionam *como pessoas completas*, daqueles pacientes sofredores de falhas ambientais importantes. Neste último caso, a análise poderia ser um ambiente para reviver a regressão que falhou com a mãe, na experiência de dependência com o analista. Portanto, a técnica seria propiciar como se fosse um ambiente suficientemente bom, para que aflore o *verdadeiro self* e a criatividade nata de cada paciente (Winnicott, 1954). De acordo com essas premissas, a habilidade do analista estaria em *brincar* e estar disponível empaticamente. Seria esperado do analista a expressão de seu amor por um interesse positivo pelo paciente, significando também que o analista *sobreviva ao paciente*, para que este possa *usar* o analista (Abraham, 2000).

Modelo baseado em Bion

> É muito difícil de se conseguir o estado correto de mente... Entretanto a maioria dos pacientes é capaz de tolerar esta raridade, ou seja, a exceção que às vezes conseguimos. (Bion, 1992, p. 58).



O Núcleo da Criação, 1945

Origem da pintura: Kahlo recebeu o prêmio por esse trabalho na exposição de arte anual no palácio de Bellas Artes. Inspirou-se no livro de Freud *O homem Moisés e a religião monoteísta*. A figura do bebê parece-se com Diego Riveira, e tem um terceiro olho da sabedoria na testa. Há muitos rostos, dentre tantos, o do próprio Freud. No centro, brilha o Sol, como iluminando infinitas possibilidades (Kettenmann, 2006). Associei à concepção de mente de Bion, do universo em expansão. Se observarmos detidamente o quadro, aparecem tantos elementos! É assim que imagino que pode *nascer um pensamento*, a partir de vários vértices possíveis para o *crescimento mental*.

Algumas ideias sobre Bion: nesse modelo, a mãe tem a incumbência de *realizar funções mentais para o bebê*, traduzindo afetos intoleráveis e devolvendo-os de forma que sejam *digestos* (Calich, 2005). A mãe, através da sua capacidade continente, deveria acolher os estados emocionais do seu bebê, como ele pensa e sente, atribuindo significado onde não havia. Assim, vai se formando o aparelho para pensar (Rezende, 1992).

Destaca-se em Bion o seu interesse pela mente como um universo em expansão, na medida em que os processos para pensar são vividos de forma autêntica e verdadeira (Rezende, 1992; Ogden, 1996). Bion ainda dividiu a vida mental em espaços simbólicos e não simbólicos. A emoção passa a ser o centro

desse modelo, e a mente se desenvolve partindo de relações íntimas. Ou seja, a experiência emocional não pode ocorrer isolada de uma relação (Mélega, 2011).

Bion também ampliou o conceito de identificação projetiva de Klein, compreendendo-o como uma comunicação, que se dá através da *identificação projetiva realista*. Esta seria a fantasia do bebê inicialmente evacuar uma parte de si para dentro de outra pessoa, tanto para se proteger dos perigos quanto para salvaguardar uma parte de si (Ogden, 1996). Por exemplo, o bebê projetaria um sentimento de que está morrendo para dentro do seio e reintrojetaria essa sensação, após a função materna tê-lo tornado tolerável ao psiquismo dele através da *reverie*. Se esse processo for ocorrendo, vai havendo uma transformação de elementos *beta* (coisas em si/objetos para evacuar, com ausência de representação), para *elementos alfa* (passíveis de serem armazenados, correspondentes ao pensamento onírico) (Bion, 1962).

Considerei relevante trazer a história do desenvolvimento do pensamento: primeiro surgem as *preconcepções,* para então virarem *concepções*. A preconcepção (ideias de um seio) combinada com uma realização (o seio aparece) gera a concepção (gratificação/mamada). Com o tempo, vem a frustração (nem sempre o seio está disponível na hora exata), o que impõe uma espera. Se a tolerância à frustração for suficiente, o *não seio* torna-se um *pensamento*, e vai se desenvolvendo o aparelho para pensar, e o princípio da realidade (Bion, 1961). Esse processo só pode acontecer no calor de um vínculo.

Algumas ideias sobre a análise – Modelo bioniano: para Bion, seria condição desenvolver a *capacidade negativa* do analista, manter-se na incerteza, sem precisar esforço para ter uma explicação sobre a problemática trazida pelo paciente. Assim, poderia emergir um *fato selecionado* (elemento que inicia a coerência dos objetos, acompanhada de emoção). Abster-se da atenção, seria a matriz da abstração e a possibilidade de identificação do fato selecionado. Entendi que, se o analista estiver *relaxado*, de repente, algo na associação do paciente poderia fazer sentido, como se brotasse uma forma. Clinicamente isso se revelaria como aumento do sentido, e os *pensamentos perdidos* poderiam começar a ser sentidos como bons ou valiosos (Bion, 1962). Em síntese, a função analítica estaria associada ao pensamento como fator de expansão mental (Mélega, 2011).

Modelo lacaniano

> A psicanálise pode acompanhar o paciente até o limite extático do 'tu és isto'. (Lacan, 1949, p. 103).

Retrato da família de Frida, 1950-1954

Origem da pintura: Frida trabalhou nesta árvore genealógica durante o período em que passou no hospital em 1950. Pintou os pais, os avós, a sobrinha, o sobrinho e um outro bebê não identificado. O quadro ficou inacabado (Kettenman, 2006). Pensei em Lacan associado a essa pintura porque em sua teoria o pai do bebê está presente no psiquismo da mãe, como o registro que ela tem de seu próprio pai, transmitido por gerações como *a Lei do Pai*. No quadro aparecem as figuras paternas, e também rostos inacabados. Eu imaginei os rostos sem traços representando os indivíduos que não se tornaram sujeitos, permaneceram assujeitados.

Algumas ideias sobre Lacan: Lacan fez uma releitura de Freud e introduziu inovações na teoria e na clínica. Foram quatro áreas do psiquismo em que Lacan se deteve: etapa do espelho (imagem do corpo), linguagem, desejo, narcisismo e Édipo (Ungier, 2010). Na etapa do espelho, entre aproximadamente seis e dezoito meses, a criança, ao se deparar com o seu semelhante, forma uma *gestalt* a partir desse mimetismo. É "uma disposição especular", pela imago do próprio corpo, desde uma forma despedaçada até a sua totalidade. Na fase seguinte, seria esperado que a criança assumisse a castração paterna e aceitasse deste interdito, ou seja, a introdução do registro simbólico (Lacan, 1961).

Em relação à linguagem, a analogia feita do psiquismo/linguagem é de que o psiquismo funciona como uma cadeia de significantes em busca de significados. Lacan entende o funcionamento do psiquismo em três registros: o imaginário, o simbólico e o real. Num primeiro momento da fase do espelho, a criança

compreende que ela e a mãe são a mesma coisa. Se assim permanecer, a patologia está inserida. Quanto ao desejo, no início paira *o desejo de ser o desejo da mãe*, mas, com o tempo, se espera que a criança ingresse no registro simbólico, *da Lei do Pai* (Zimmerman, 1999).

Bleichmar (1988) discorre sobre a estrutura no Édipo lacaniano, como uma organização centrada na satisfação do narcisismo. Para explicar, o autor usa uma metáfora da *brincadeira do anel escondido* com o Édipo. Quem está com o anel tem *o valor especial* no momento. Na brincadeira, o problema seria acreditar que *quem tem o anel é o anel* (é o falo). Então, o anel não tem uma representação (para Lacan ele é o falo). O falo é o significante de uma falta (do desejo). Desde essa perspectiva, o significante aparece em substituição a uma ausência. O falo produz a ilusão de que não falta nada, e, subjetivamente, passa a ser visto como plenitude. Várias coisas podem ser versões do falo imaginário (filho, dinheiro, poder...). A ordem seria: primeiramente o filho é o falo (a mãe tem o falo). No segundo tempo, o filho deixa de ser o falo (o pai é o falo). No terceiro tempo, o pai tem o falo, mas não é o falo, o falo é reinstaurado na cultura, então é simbólico. Importante ressalva, na saúde, o pai não é a lei (também é castrado), ele aceita a lei.

Algumas ideias sobre a análise – Modelo lacaniano: em uma discussão no Congresso Internacional do Rio de Janeiro em 2005, Peskin e col. abordam o tema de como seria para Lacan a posição do analista. Chegaram à conclusão de que Lacan valorizaria *semblantear el objeto* (olhar de frente e supor as intenções). Compreendi que seria o sujeito se apropriar de seus desejos; e que o analista não se deixe *alojar* (habitar). Nesta mesa redonda se debateu sobre o sentido de *alojar*, e os participantes concluíram: *melhor os pacientes irem para suas casas*. Ou seja, que não deveria ser a função do analista *acolher, como um recipiente*, mas ao contrário, que o paciente se *apodere* de seus desejos de intenções. As interrupções (significando castração/corte simbólico) seriam valorizadas como o início da semente da simbolização. Há atenção ao discurso, aos atos falhos, e as expressões de linguagem. Em 1975, nos Estados Unidos, Lacan afirmou que uma análise não deveria ir muito longe, quando alguém se sente feliz por viver já é o suficiente.

Considerações finais

> O risco está em limitar-se pelo sistema teórico que frustra, não porque é inadequado, mas por não estar sendo convenientemente usado. (Bion, 1962, p. 122)

Com um tom de alívio mesclado com uma certa tristeza, finalizo a etapa dos seminários teóricos na SPPA. Busquei os materiais estudados nesses quatro anos, não para descobrir algo novo, mas para *saber aquilo que já sei* mais sistematicamente. Penso que este trabalho foi uma tentativa de elaboração maior das teorias vistas ao longo da formação. Este ano a escola francesa produziu em mim um desacomodar, daquele tipo que um novo conceito ou ideia provoca. Precisei do meu tempo para "ordenar" esses novos conceitos. Evidentemente, muitos pontos relevantes de cada escola ficaram de fora, mas o interessante para mim foi refletir o quanto aprendi, o quanto tenho questões e dúvidas, e o quanto sei responder (ou não): *Como isso funciona mesmo?* Falo de psicanálise, ou de psicanálises? Qual é o meu referencial? Conscientemente, é possível saber? Então, me ocorreu fazer um exercício imaginativo com Pedro. Como seria tratá-lo tendo como base cada uma das escolas mencionadas? Elaborei, assim, um exercício lúdico para tanto.

Se fosse *freudiana clássica*, poderia trabalhar com Pedro primeiramente o trauma de ele ter sido o gêmeo, segundo ele, preterido: traria para o consciente o conteúdo inconsciente. Ele reprimiu seu desejo de ser único, e *esqueceu* fatos (como aquela em vez que escondeu a bola do irmão gêmeo e mentiu para os pais... etc.). E poderia ainda, de acordo com a segunda tópica, trazer à tona o seu conflito moral (não deveria aparecer sua competição com o irmão, por não ser aceita à consciência). Se tivesse uma *base kleiniana*, atentaria para suas cisões, ele como se fosse o gêmeo bom, e seu irmão o gêmeo mau (parte sua projetada). Interpretaria também seus constantes ataques à mãe, ao irmão e ao pai. E ali no tratamento comigo, a transferência negativa me saltaria aos olhos. Caso meu referencial fosse *winnicottiano*, o importante seria deixar aflorar o *verdadeiro self*, quem sabe, até estimularia Pedro a ver que não houve possibilidade em sua infância de ele ser espontâneo porque sentia que precisava agradar aos pais. Se o meu modelo fosse baseado em Bion, atentaria para a emoção de que Pedro procurava escapar, e assim, albergando-a ao seu universo simbólico, iria expandindo sua possibilidade de refletir sobre si mesmo, ampliando a capacidade para pensar. Por fim, se eu fosse *lacaniana*, interromperia a sessão no exato momento em que Pedro se apropriasse do seu desejo de ser o único, *o falo da mãe*, não tendo que a dividir com o irmão, por exemplo. Pode parecer um tanto quanto simplista ou artificial esse exercício, mas busco encontrar sentido (resposta?) à pergunta de meu paciente.

Na minha prática clínica, sinto que essas teorias naturalmente se somam, e *decantam* em mim, de forma não consciente. De repente, sou instigada em uma sessão por um modelo que, no momento, nem percebo conscientemente. Como

se cada teoria fosse um afluente que desemboca num grande rio (arcabouço teórico). Aliás, muito além das teorias, carrego comigo a minha formação de base, cada professor que tive, cada supervisor, as minhas análises pessoais, até as minhas características de personalidade, e mesmo a cultura em que estou inserida, confluem para esse *grande rio* que me conduz na tarefa analítica. Tudo isso constitui talvez um modelo implícito, que uso também de acordo com o que observo em cada paciente.

Hoje tenho internalizadas todas essas escolas. Pergunto-me: com qual escola me identifico mais? A que eu mais conheço? Ou a em que supostamente o paciente mais *se encaixa*? Ou seria uma espécie de síntese de todas? Aliás, sem Freud, Klein não seria Klein. Sem Klein, Bion não seria Bion... e assim por diante. Até com meu paciente, o Pedro, vejo algo de cada uma das escolas citadas, que eu já *usei*. Por mais que minha tendência fosse captar a emoção subjacente na sessão, já reconstruí com ele fatos de sua história, já apontei o quanto ele não pôde ser espontâneo, já interpretei ali suas divisões (o gêmeo dentro dele), e também lhe mostrei o quanto ele queria ser o todo-poderoso aos olhos da mãe (falo?). Não sinto que usei de forma tão aleatória, acredito que tem algo que pulsa dentro de mim, e *sou guiada talvez mais por Bion*. Mas não é aquele Bion lá dos livros, é o meu Bion, somado a todos os pensadores, e aos outros autores contemporâneos.

Mas talvez quem esteja aqui tentando racionalizar nem é mais o Pedro, sou eu mesma. Muito difícil falar *cientificamente dos sentimentos*, como nos disse Freud (1930). Quando senti essa dificuldade, foi o momento em que *convidei a Frida Kahlo* para me acompanhar. Ela, personagem emblemática, mulher à frente de seu tempo, contemporânea de Freud, ousou retratar a sua angústia sem dissimular o que lhe acontecia: viveu abortos, acidentes, divórcio, traições, ficou acamada por anos, e lá estavam suas pinturas: sangue, rosto com imperfeições, e o surrealismo em sua falta de forma. Ela desprendeu-se da realidade objetiva em suas pinturas. A pintura e a arte em geral alcançam algum lugar em que a razão não chega. Todos nossos mestres, geniais a sua maneira, escrevem suas teorias. Frida pintou suas dores.

Para realizar esse trabalho, estava com todos os livros à minha disposição, encantada com a capacidade de cada teórico, mas, verdade seja dita, me toquei mais profundamente com Frida, capaz de transformar seu desespero em arte. Não será nossa função também? Como analistas, transformar o desespero, ou as dores de nossos pacientes, em algo *consciente* (Freud)? *Integrado* (Klein)? *Criativo* (Winnicott)? *Digesto* (Bion)? *Sujeito de sua vida* (Lacan)? Como isso funciona mesmo? Seria uma espécie de arte a psicanálise? A arte de viver com o paciente uma nova forma de vínculo? Bem, Pedro, também tenho essa questão.

Referências

Abraham, Jan (2000). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.

Bion, Wilfred Ruprecht (1961). Uma Teoria do Pensar. In: *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1962). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1992). *Conversando com Bion: quatro discussões com W. R. Bion. Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago.

Bleichamar, Hugo (1988). *Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Calich, José Carlos (2005). Modelos psicanalíticos da mente. In: *Psicoterapia de orientação psicanalítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed.

Crestana, Tiago (2013). Teorias psicanalíticas da mente: quero me encontrar mas não sei onde estou. *Anais do VII Simpósio Interno Integrado*, maio de 2013, pp. 265-274.

Freud, Sigmund (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1911). Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1912a). A dinâmica da transferência. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1912b). Recomendações a médicos que exercem a psicanálise. In*: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.

Fuentes, Carlos (2011). *El diário de Frida Kahlo*. Distrito Federal: La vaca Independiente.

Hayden, Herrera (2011). *Frida: a biografia*. São Paulo: Globo.

Kettenmann, Andrea (2006). *Kahlo*. Distrito Federal: Tacchen

Klein, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Obras completas de Melanie Klein: envidia y gratitud y otros trabajos*. Buenos Aires: Paidós, 1975.

_____. (1952). Los orígenes de la transferencia. In: *Obras completas de Melanie Klein: envidia y gratitud y otros trabajos*. Buenos Aires: Paidós, 1975.

_____. (1955). La técnica psicoanalítica del juego: su historia y significado. In: *Obras completas de Melanie Klein: envidia y gratitud y otros trabajos*. Buenos Aires: Paidós, 1975.

_____. (1957). Envidia y gratitud. In: *Obras completas de Melanie Klein: envidia y gratitud y otros trabajos*. Buenos Aires: Paidós, 1975.

Lacan, Jaques (1961). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise*, Zurique 17 de julho 1949. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Mélega, Marisa (2011). Origens Literárias do modelo psicanalítico da mente. *Jornal de Psicanálise, 44*(80), 239- 255.

Peskin, L., Goldstein, R. Paulucci, Canteiros, N, Bruschtein, Guilherme (2005). *Revista de Psicanálisis*, 62, 889-917.

Quinodoz, Jean-Michel (2007). *Ler Freud: Guia de Leitura da Obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.

Ogden, Thomas (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
Rezende, Antonio Muniz (1992). O pensamento de Bion: um universo em expansão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *26*(3), 273-284.
Ungier, Aida (2010). Para além do som e da fúria. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *44*(2), 91-99.
Winnicott, Donald Woods (1953). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
_____. (1954). Aspectos metapsicológicos y clínicos de la regresión dentro del marco psicoanalítico. In: *Escritos de Pediatría y psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1999.
_____. (1959-64). A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
Zimmerman, David. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Sobre a (in)capacidade de ficar só: Danielle e o medo do colapso
Clarice Eizerik Machado / 127
Comentarista: **Mery Pomerancblum Wolff** / 141

I do, I undo, I redo: sobre o processo analítico e a relação mãe-bebê
Fabiana Ritter / 161
Comentarista: **Luciane Falcão** / 145

Como isso funciona mesmo? Formação analítica, seus modelos e minha busca de integração
Ellen Bornholdt Epifanio / 167
Comentarista: **José Carlos Calich** / 167

Frida e Ellen, excelente parceria: alguns comentários sobre o texto de Ellen Epifânio
Juarez Guedes Cruz / 183

Sonhando o jogo do paciente: similaridades entre os jogos eletrônicos e a vida onírica
Aline Restano / 185
Comentarista: **Matias Strassburger** / 195

Do representável à obra de arte ou da arte à representação?
Denise Zanatta / 197
Comentarista: **Carlos Gari Faria** / 211

O transgeracional, o incestuoso e os tempos do Édipo em uma obra de Philip Roth
Fábio Brodacz / 215
Comentarista: **Idete Zimerman Bizzi** / 227

Morte in vida: vida in morte
Ana Luiza Wolf, Ana Rita Taschetto, Adriana Ribas, Adriana Pires, Betina Teruchkin, Elena Tomasel, Francisca Levy, Iara Wiehe, Julia Goi, Nyvia Sousa / 231
Comentarisa: **Juarez Guedes Cruz** / 237

O belo cotidiano da incompletude e a construção da intimidade
Aline Grill Gomes, Aline Restano , Cristina Gerhardt S. de Souza, Denise Steibel, Francisca Levy, Nyvia Sousa / 239
Comentarista: **Juarez Guedes Cruz** / 249

"A casa-trailer da formação"
Aline Grill Gomes , Cristina Gerhardt Soeiro de Souza,
Cristiane Damacarena Martins / 251
Comentarista: **Ruggero Levy** / 261

Arte e morte: representações
Ellen Bornhold Epifânio, Fabiana Ritter , Fabio Brodacz / 265
Comentarista: **Ruggero Levy** / 273

PROGRAMA / 277

ASSOCIAÇÃO DE CANDIDATOS
DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE

ANAIS DO XII SIMPÓSIO INTERNO INTEGRADO

12 ASSOCIAÇÃO DE CANDIDATOS E INSTITUTO DE PSICANÁLISE SPPA

março de 2018

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE
FUNDADA EM 1963